

## Indústria de Alimentos

**Fernando Luiz E. Viana**

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração  
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

**Resumo:** A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos, importância esta que é ainda maior no Nordeste, em comparação com o agregado nacional. O valor das vendas globais no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,0% em 2022, o que representou uma queda em relação ao crescimento registrado em 2021, que foi de 6,1%. A margem de crescimento tem sido limitada pela inflação, que tem atingido fortemente os produtos alimentícios, chegando a 11,6% no Brasil em 2022. Descontada a inflação do período, a indústria de alimentação brasileira cresceu 3,6% nas vendas reais em 2022 (crescimento nominal de 16,6%). As empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios embalados, algumas das quais foram aceleradas a partir da pandemia da Covid-19. Apesar de haver perspectiva positiva para o desempenho do setor em 2023, por parte das empresas, permanecem algumas preocupações importantes para a indústria de alimentos brasileira, especialmente no que diz respeito aos impactos da inflação e às mudanças na regulação relativa à rotulagem nutricional de alimentos embalados, que entrou em vigor em outubro/2022. Nesse sentido, os investimentos e financiamentos devem ser direcionados para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, bem como às adaptações necessárias ao alinhamento dos produtos e processos às novas normas regulatórias.

**Palavras-chave:** Indústria de Alimentos; Alimentos Embalados; Perspectivas.

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Lara Catarina de Aragão F. dos Reis, Mariana Carvalho e Lima, Naate Maia Muniz (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

## 1 Contextualização

A indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que abrange a maior quantidade de grupos e, por conta disso, apresenta certa heterogeneidade de características entre os grupos. Devido a essa heterogeneidade e às especificidades de alguns grupos, esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de alimentos, entretanto, traz detalhes mais específicos das atividades que compõem os seguintes grupos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 10.3 (Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais), 10.4 (Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais), 10.5 (Laticínios), 10.6 (Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais), 10.8 (Torrefação e moagem de café) e 10.9 (Fabricação de outros produtos alimentícios). Os demais grupos serão contemplados por análises específicas.

A indústria de alimentos engloba grande diversidade de produtos, possuindo forte inter-relação com a agricultura e a pecuária, tendo em vista que esses setores constituem os fornecedores dos principais insumos utilizados nessa indústria. Devido aos insumos utilizados a partir da agropecuária, a indústria de alimentos possui sazonalidade da produção vinculada à sazonalidade da oferta de seus insumos. Além das relações com a agropecuária, a indústria de alimentos estabelece, assim como outros setores da indústria de transformação, relações com canais de distribuição, indústrias de embalagens, máquinas e equipamentos, entre outras.

A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação – ABIA, a indústria de alimentação brasileira (alimentos + bebidas) faturou, em 2022, R\$ 1,075 trilhão, crescimento nominal de 16,6%. Descontada a inflação do período, a indústria de alimentação teve alta de 3,6% nas vendas reais em 2022 (ABIA, 2023). Além de conjunturas políticas e econômicas nacionais e internacionais, os resultados podem ser atribuídos também aos investimentos na expansão de plantas fabris, pesquisa e desenvolvimento, fusões e aquisições, compra de máquinas e equipamentos, que alcançaram R\$ 23,6 bilhões, percentual de 2,2% do faturamento total da indústria de alimentos.

Em termos mundiais a indústria de alimentos também tem importância significativa em diferentes países e, por conta dessa importância, é cada vez maior a presença de players globais nos principais mercados, empresas que têm buscado aumentar sua participação no mercado por meio de fusões e aquisições. Nos últimos anos, o setor tem mantido crescimento nas vendas, mas em níveis relativamente baixos. O valor das vendas globais (valores correntes em US\$) no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,0% em 2022, o que representou uma queda em relação ao aumento registrado em 2021, 6,1%. A margem de crescimento tem sido limitada pela inflação, que tem atingido fortemente os produtos alimentícios em todo o mundo. No Brasil, em que houve alta no valor real das vendas em 2022, conforme supracitado, a inflação relativa ao grupo “alimentação e bebidas” foi de 11,6% em 2022, com maior incidência nos produtos de alimentação no domicílio (13,2%) e forte impacto no poder de compra das famílias, especialmente as de menor renda, tendo em vista que produtos da cesta básica (arroz, feijão, pão, óleo de soja) estão entre os que têm tido maiores aumentos de preços. Dos nove grupos de produtos e serviços comercializados no varejo que compõem o IPCA, o grupo “alimentação e bebidas” foi o que apresentou maior peso na composição do índice agregado (21,9%) em 2022. Entre os fatores que explicam o comportamento dos preços dos alimentos em 2022, podem ser destacados as altas de custos de produção, por exemplo, devido à elevação dos preços internacionais dos fertilizantes, somadas às adversidades climáticas decorrentes do fenômeno La Niña, que reduziu a produção de importantes culturas (IPEA, 2023).

Nos últimos anos tem havido mudança no que os consumidores estão gastando, que sinalizam algumas tendências (conforme será discutido adiante), com impactos na evolução da participação das diferentes empresas no mercado. A pandemia da Covid-19 tem sido importante direcionador dessas tendências, acelerando algumas e modificando outras. Historicamente, os consumidores tomam decisões de compra com base em sabor, preço e conveniência, conhecidos como “fatores tradicionais” na decisão de compra de produtos alimentícios. Entretanto, atualmente os consumidores têm dado maior peso a outros fatores na sua decisão de compra, o que traz novos desafios e oportunidades para a in-

dústria de alimentos. Entre esses novos fatores, destacam-se saúde e bem-estar (alimentos baseados em plantas, alimentos funcionais), busca por canais alternativos de compras que trazem comodidade (comércio eletrônico), e valorização da sustentabilidade e aspectos éticos (valorização de marcas com propósito). No caso específico da valorização da sustentabilidade, a pandemia da Covid-19 trouxe maior valorização, por parte dos consumidores, de produtos que de alguma forma contribuam mais para questões sociais, tais como o apoio a comunidades locais e a prática de comércio justo (*fair trade*).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional, especialmente porque diversas empresas multinacionais do setor alimentício com origem em outros países atuam no Brasil. Além disso, algumas empresas com capital nacional, pertencentes à indústria de alimentos, possuem forte viés de internacionalização, com importantes mercados localizados fora do País.

O mercado brasileiro de alimentos é grande e complexo, com dinâmicas divergentes entre os diferentes segmentos. Apesar de o mercado brasileiro de alimentos ser muito fragmentado, empresas multinacionais estão entre aquelas que dominam o mercado de produtos alimentícios embalados no Brasil, tais como Nestlé, Groupe Lactalis, Mondelez Internacional, Groupe Danone, PepsiCo, Unilever, Kraft Heinz, entre outras. Entre as empresas brasileiras, quem aparece mais bem posicionada nesse mercado é o grupo cearense M Dias Branco, que detinha, em 2022, 32,0% de participação no mercado de biscoitos e 30,5% no mercado de massas.

Para lidar com a dificuldade de participação no mercado e manutenção das margens em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção, maior eficiência na gestão e, mais recentemente, especialmente a partir do advento da pandemia da Covid-19, maior investimento no comércio eletrônico e canais de distribuição alternativos. A seção seguinte apresenta o desempenho recente da indústria de alimentos no Brasil

## 2 Desempenho Recente

### 2.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados do IBGE (2023a, 2023b) referentes ao período 2018-2022 mostram crescimento contínuo na produção da indústria de alimentos (em toneladas) entre 2018 e 2020 (Tabela 1), seguido de queda em 2021 e leve recuperação em 2022. No período analisado, houve uma queda acumulada na produção de 0,6%.

**Tabela 1 – Evolução da produção (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2018-2022**

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de conservas de frutas	2.754.631	3.068.798	2.663.934	2.445.491	2.504.183
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	1.056.289	1.053.368	1.080.228	991.649	1.015.449
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (mil litros)	3.106.956	3.315.283	2.982.154	2.737.617	2.803.320
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	33.931.034	37.035.289	34.254.867	31.445.968	32.200.671
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	4.511.899	6.228.821	5.270.583	4.838.396	4.954.517
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.835.383	1.673.218	2.368.701	2.174.468	2.226.655
Preparação do leite (Mil litros)	9.755.539	9.231.759	9.869.027	9.059.767	9.277.201
Fabricação de laticínios (Toneladas)	6.136.088	5.988.803	6.550.588	6.013.440	6.157.762
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.367.942	1.420.048	1.354.526	1.243.455	1.273.298
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	387.736	442.766	438.338	402.394	412.052
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.864.942	8.230.797	8.958.253	8.223.676	8.421.044
Moagem de trigo e fabricação de derivados	12.362.082	13.083.254	13.071.241	11.999.399	12.287.385

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	261.851	199.184	219.398	201.407	206.241
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	3.352.171	3.882.202	4.600.631	4.223.379	4.324.740
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.756.638	3.178.196	3.223.553	2.959.222	3.030.243
Fabricação de alimentos para animais	33.977.858	34.871.175	35.201.445	32.314.927	33.090.485
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	552.940	449.854	703.681	645.979	661.483
Torrefação e moagem de café	785.383	762.861	765.370	702.610	719.472
Fabricação de produtos à base de café	126.337	105.634	105.877	97.195	99.528
Fabricação de produtos de panificação	1.881.558	2.050.792	2.063.233	1.894.048	1.939.505
Fabricação de biscoitos e bolachas	2.148.190	1.907.044	1.940.589	1.781.461	1.824.216
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.714.579	1.681.204	1.647.108	1.512.045	1.548.334
Fabricação de massas alimentícias	2.013.885	1.907.079	2.195.588	2.015.550	2.063.923
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Toneladas)	1.288.795	1.328.812	1.533.516	1.407.767	1.441.554
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Mil Litros)	41.623	32.707	37.149	34.103	34.921
Fabricação de alimentos e pratos prontos	234.353	256.813	215.517	197.844	202.593
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	4.738.292	4.567.854	4.924.249	4.520.461	4.628.952
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	489.792	527.496	604.358	554.801	568.116
<b>Total em Toneladas</b>	<b>126.672.913</b>	<b>133.953.818</b>	<b>133.996.488</b>	<b>123.008.776</b>	<b>125.960.986</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>14.720.229</b>	<b>14.494.586</b>	<b>14.810.065</b>	<b>13.595.640</b>	<b>13.921.935</b>

Fonte: IBGE (2023a, 2023b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2018 a 2020 da PIA Produto. Dados de 2021 e 2022: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

Entre as classes de alimentos que mais cresceram a produção no período, destacam-se a fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho (29%), fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais (21,3%) e moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente (19,6%). A produção de alimentos medida em milhares de litros, que abrange primordialmente a preparação do leite e a fabricação de alguns laticínios, apresentou queda, de 5,4%. No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados do IBGE mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção em relação ao comportamento anual (crescimento/queda), mas com um desempenho melhor.

**Tabela 2 – Evolução das quantidades vendidas (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2018-2022**

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de conservas de frutas	2.575.788	2.834.346	2.524.471	2.317.464	2.373.083
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	1.048.736	1.097.637	1.059.646	972.755	996.101
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	3.116.624	3.132.877	3.216.761	2.952.987	3.023.858
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	28.060.321	31.645.004	33.094.763	30.380.992	31.110.136
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	3.242.232	3.007.939	2.857.853	2.623.509	2.686.473
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.161.832	1.159.696	1.722.473	1.581.230	1.619.180
Preparação do leite (Mil litros)	7.742.151	7.551.019	8.487.767	7.791.770	7.978.773
Fabricação de laticínios (Toneladas)	1.242.130	1.287.383	1.226.847	1.126.246	1.153.275
Fabricação de laticínios (Mil litros)	5.151.170	5.060.105	5.489.709	5.039.553	5.160.502
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	350.529	425.046	413.994	380.046	389.168
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.494.889	7.705.352	8.779.492	8.059.574	8.253.003
Moagem de trigo e fabricação de derivados	10.183.501	10.318.575	10.165.143	9.331.601	9.555.560
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	209.380	185.501	186.301	171.024	175.129
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	3.167.131	3.585.291	4.369.995	4.011.655	4.107.935

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.396.934	2.811.719	2.866.264	2.631.230	2.694.380
Fabricação de alimentos para animais	12.404.107	12.913.268	16.224.823	14.894.388	15.251.853
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	506.659	436.549	612.316	562.106	575.597
Torrefação e moagem de café	709.206	683.887	723.513	664.185	680.125
Fabricação de produtos à base de café	102.792	93.908	98.680	90.588	92.762
Fabricação de produtos de panificação	1.624.603	1.795.638	1.771.103	1.625.873	1.664.893
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.707.683	1.416.138	1.394.220	1.279.894	1.310.611
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.583.147	1.508.476	1.438.238	1.320.303	1.351.990
Fabricação de massas alimentícias	1.607.518	1.637.706	1.873.400	1.719.781	1.761.056
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Toneladas)	1.435.677	1.597.585	1.696.917	1.557.770	1.595.156
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Mil litros)	41.599	31.399	36.276	33.301	34.100
Fabricação de alimentos e pratos prontos	119.023	161.129	128.543	118.002	120.835
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	4.671.069	4.182.794	4.778.266	4.386.448	4.491.723
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	507.963	527.477	569.240	522.562	535.104
<b>Total em Toneladas</b>	<b>87.604.887</b>	<b>92.490.568</b>	<b>100.007.260</b>	<b>91.806.665</b>	<b>94.010.025</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>16.517.908</b>	<b>16.271.479</b>	<b>17.763.477</b>	<b>16.306.872</b>	<b>16.698.237</b>

Fonte: IBGE (2023a, 2023b)2. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2018 a 2020 da PIA Produto. Dados de 2021 e 2022: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

As vendas em toneladas no período, ao contrário da produção, cresceram 7,3%, com algumas diferenças em relação às classes de alimentos que apresentaram taxas de crescimento significativas para as vendas no período: fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais (39,4%), fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho (29,7%) e fabricação de alimentos para animais (23%).

Apesar do aumento observado na produção e nas vendas em 2022, o setor de alimentos brasileiro tem enfrentado alguns desafios importantes, principalmente associados a ameaças externas, sendo o maior deles o aumento da inflação. A combinação de demanda crescente em todo o mundo e suprimentos restritos como resultado da invasão russa da Ucrânia, resultou em alta significativa nos preços internacionais de commodities alimentares e forte impacto dos produtos alimentícios na inflação, conforme supracitado. Com isso, dada a dificuldade em repassar o aumento dos custos para os preços, notadamente nos produtos voltados aos consumidores das menores faixas de renda, algumas empresas, como M Dias Branco e Selmi, por exemplo, efetuaram redução dos tamanhos das embalagens de alguns produtos, para evitar aumentos de preços (EMIS, 2023).

Além das análises efetuadas acerca do comportamento da produção e das vendas da indústria de alimentos brasileira, para se entender o comportamento da demanda total, é essencial a avaliação do comércio internacional de produtos alimentícios.

Considerando-se apenas os produtos que se enquadram nas classes CNAE da indústria de alimentos que compõem o presente estudo, agregadas ao nível de grupos (3 dígitos da CNAE), observa-se certa instabilidade do comportamento das exportações no período 2018-2022, com queda/estabilidade entre 2018 e 2020 e retomada do crescimento em 2021 e 2022, com destaque para o forte alta de 44,2% em 2022. É importante destacar que alguns dos principais segmentos exportadores que compõem a indústria de alimentos (por exemplo, agroindústria da carne e do frango) não estão no escopo da presente análise. Apesar da instabilidade citada, as exportações (em US\$ mil FOB) entre os anos de 2018 e 2022 tiveram forte crescimento, de 66,4%, praticamente todo concentrado entre 2020 e 2022, conforme pode ser visto na Tabela 3.

**Tabela 3 – Exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2018-2022<sup>(1)</sup>**

Classes CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	2.897.832	2.604.315	2.162.574	2.500.511	2.958.509
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	7.808.355	6.693.418	6.913.258	9.694.148	14.897.413
Laticínios	59.872	60.866	83.719	111.820	133.849
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	925.801	952.569	1.190.676	1.256.695	1.287.804
Torrefação e moagem de café	602.076	592.387	555.831	568.806	729.310
Fabricação de outros produtos alimentícios	1.391.112	1.425.683	1.438.240	1.653.007	2.759.242
<b>Total</b>	<b>13.685.048</b>	<b>12.329.238</b>	<b>12.344.298</b>	<b>15.784.987</b>	<b>22.766.127</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Ressalta-se que as exportações estão concentradas de forma relevante no grupo “fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais” (65,4% das exportações em 2022), grupo que inclui o óleo bruto de soja. Além do aumento do volume de produtos exportados, destaca-se também o comportamento do câmbio como fator explicativo para o crescimento das exportações em valores monetários. Em linhas gerais, a pandemia da Covid-19 não afetou significativamente as exportações brasileiras de alimentos, exceto em alguns segmentos específicos, em linha com o desempenho geral do setor.

No que diz respeito às importações (Tabela 4), observou-se comportamento um pouco diferente, com maior estabilidade entre os anos: queda entre 2018 e 2019, seguida de retomada do crescimento de 2020 a 2022. Ademais, os valores envolvidos são bem menores do que aqueles das exportações, o que é esperado, em função da expertise do Brasil como grande fornecedor mundial de alimentos. Considerando o agregado das classes analisadas, o aumento das importações chegou a 26,6% entre 2018 e 2022, bem menor do que o das exportações no período.

**Tabela 4 – Importações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2018-2022<sup>(1)</sup>**

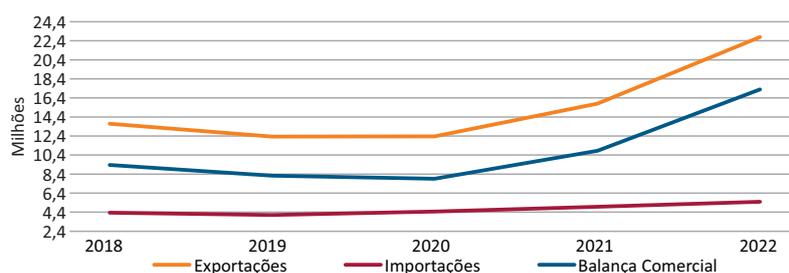
Classes CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	861.409	876.988	821.774	853.071	960.270
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	1.024.989	868.956	1.148.622	1.501.093	1.668.418
Laticínios	531.897	502.362	607.313	537.958	779.037
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	867.221	893.159	968.294	1.033.545	974.065
Torrefação e moagem de café	69.149	81.708	71.129	83.152	111.873
Fabricação de outros produtos alimentícios	977.208	875.911	831.352	942.764	990.385
<b>Total</b>	<b>4.331.872</b>	<b>4.099.082</b>	<b>4.448.483</b>	<b>4.951.584</b>	<b>5.484.048</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Os dados mostram que a balança comercial da indústria de alimentos brasileira foi amplamente superavitária no período analisado, o que é condizente com o comentário anterior de que o Brasil é mundialmente conhecido como país fornecedor de alimentos para o resto do Mundo (Gráfico 1), com importante crescimento do superávit em 2022.

**Gráfico 1 – Balança comercial da indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira no período 2018-2022 (US\$ milhões FOB)**



Fonte: FUNCEXDATA (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de produtos alimentícios, destacam-se como destino, em 2022, os Estados Unidos, a Holanda (Países Baixos), bem como países asiáticos (China, Índia, Indonésia, Japão e Tailândia), o Chile e países do Oriente Médio (Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos).

Por outro lado, no que diz respeito às importações, destacam-se alguns países da América do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile), que juntos são responsáveis por 40,9% do valor importado em produtos alimentícios pelo Brasil, Estados Unidos, países asiáticos (Indonésia e China) e países europeus (Portugal, Itália e Alemanha), com destaque para Portugal, que se consolidou como 5º maior exportador de produtos alimentícios para o Brasil, com participação de 6,0%.

## 2.2 Emprego e Capacidade Instalada

Em 2021 a economia brasileira mostrou sinais de recuperação em relação ao difícil ano de 2020, período mais crítico da pandemia. A taxa de desemprego caiu a partir da retomada das atividades econômicas e recuperação parcial da economia, atingindo 11,1% ao final do ano. Da mesma forma, o PIB brasileiro cresceu 4,6% em 2021, em linha com as expectativas do mercado. Entretanto, já naquele ano surgiram sinais de aumento da inflação, que se intensificou em 2022, embora com melhora do cenário no final do ano. A última pesquisa Focus do Banco Central que contempla previsões de indicadores relativos a 2022, publicada em 06/01/2023 (Bacen, 2023), indica crescimento do PIB de 2022 de 3,03%. A inflação acumulada (IPCA) em 2022 foi de 5,79%, enquanto a taxa de desemprego mensurada em novembro/2022 foi de 8,1%, com trajetória em queda.

No caso da indústria de alimentos, considerando-se os grupos da CNAE especificados na introdução, no período 2018-2022 (último dado disponível), houve queda no número de empregos apenas entre 2019 e 2020, e aumento nos demais anos. Considerando-se todo o período 2018-2022, a taxa de crescimento foi de 10,3% no Brasil e 2,5% no Nordeste.

**Tabela 5 – Evolução do emprego na indústria de alimentos<sup>1</sup> no período 2018-2022: Brasil, Nordeste e UF**

Estado	2018	2019	2020	2021	2022 <sup>2</sup>
Acre	1.075	1.100	1.000	1.145	1.154
Alagoas	6.563	6.750	6.765	6.913	7.558
Amapá	873	760	701	691	713
Amazonas	3.917	3.638	3.685	3.977	3.941
Bahia	29.254	29.416	28.035	29.166	29.758
Ceará	33.107	33.413	32.469	33.398	33.383
Distrito Federal	6.440	6.865	6.523	7.008	7.447
Espírito Santo	15.026	15.620	15.282	15.766	16.307
Goiás	40.971	42.243	42.381	43.577	44.895
Maranhão	4.559	4.599	4.506	4.742	5.054
Mato Grosso	12.752	13.719	14.713	14.983	15.949
Mato Grosso do Sul	8.257	8.454	8.945	9.390	9.767
Minas Gerais	106.403	112.736	112.645	116.573	122.073
Pará	16.184	17.694	19.549	21.327	21.479
Paraíba	10.029	10.047	9.763	10.115	10.640
Paraná	70.984	73.189	73.218	75.178	78.912
Pernambuco	30.999	30.246	28.978	29.584	30.383
Piauí	7.107	7.148	6.865	7.264	7.599
Rio de Janeiro	25.803	30.535	25.862	26.209	27.065
Rio Grande do Norte	10.138	10.261	9.656	10.017	10.149
Rio Grande do Sul	69.260	70.712	70.510	71.741	73.823
Rondônia	6.078	5.906	6.142	6.219	6.241
Roraima	640	874	863	1.037	1.168
Santa Catarina	45.820	49.849	49.825	51.634	53.508

Estado	2018	2019	2020	2021	2022 <sup>2</sup>
São Paulo	190.796	196.952	195.293	202.125	210.972
Sergipe	7.350	5.693	7.667	7.766	8.076
Tocantins	2.809	3.069	3.308	3.449	3.619
<b>Região Nordeste</b>	<b>139.106</b>	<b>137.573</b>	<b>134.704</b>	<b>138.965</b>	<b>142.600</b>
<b>Brasil</b>	<b>763.194</b>	<b>791.488</b>	<b>785.149</b>	<b>810.994</b>	<b>841.633</b>

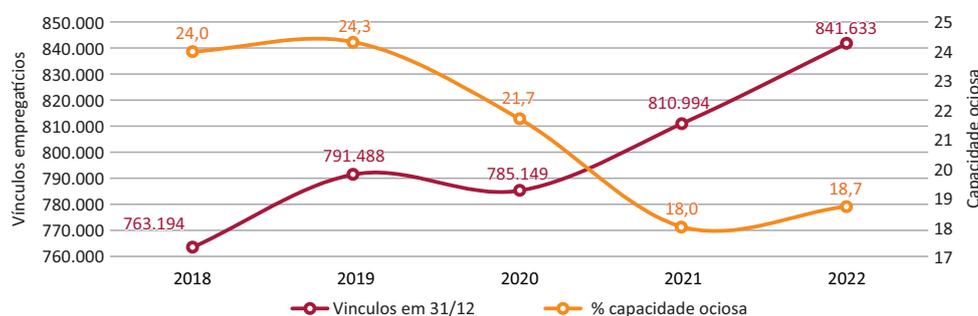
Fonte: RAIS (2023) e CAGED (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

(2) Dados de 2022 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

O aumento no número de vínculos empregatícios observado nos últimos 3 anos teve reflexo na queda da capacidade ociosa (Gráfico 2), embora com um pequeno aumento da ociosidade em 2022, possivelmente relacionado com investimentos recentes em modernização e/ou aumento da capacidade.

**Gráfico 2 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2018 a 2022**



Fonte: RAIS (2023), CAGED (2023) e CNI (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera todos os grupos da CNAE que compõem a indústria de alimentos.

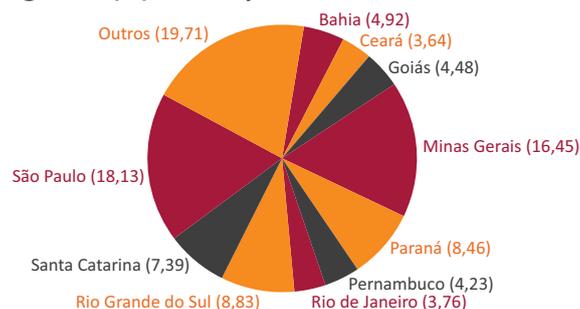
O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 75,7% (2019) a 82,0% (2021), embora esteja entre os mais elevados da indústria de transformação, poderia ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, apesar da queda da capacidade ociosa observada no último ano. Entretanto, como se trata de um índice que considera o agregado de todos os grupos e classes CNAE da indústria de alimentos, não permite uma avaliação mais concreta, pois os diferentes grupos são heterogêneos e comportam diferentes portes de empresas. Setores caracterizados pela dominância de empresas de menor porte (por exemplo, indústria de panificação) são mais sensíveis aos movimentos de aumento da demanda, o que tem impacto sobre a decisão de aumento da capacidade.

## 2.3 Distribuição Regional da Produção

A indústria de alimentos, considerando-se todos os seus grupos e classes da CNAE, constitui o setor da indústria de transformação brasileira de maior importância em termos de geração de empregos, englobando 23,0% de todos os empregos formais da indústria de transformação em 2021. Na Região Nordeste, a importância da indústria de alimentos é ainda maior, tendo em vista que foi responsável por 26,8% dos empregos formais da indústria de transformação em 2021.

Considerando-se apenas os grupos CNAE que são objeto da presente análise, a distribuição geográfica das empresas guarda certa relação com a distribuição da população brasileira, tendo em vista que alguns setores da indústria de alimentos têm forte viés de descentralização da produção, de acordo com a distribuição do mercado consumidor. Nesse sentido, os estados mais populosos são aqueles que concentram a maior quantidade de estabelecimentos ligados à indústria de alimentos (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos<sup>1</sup> em 2021**



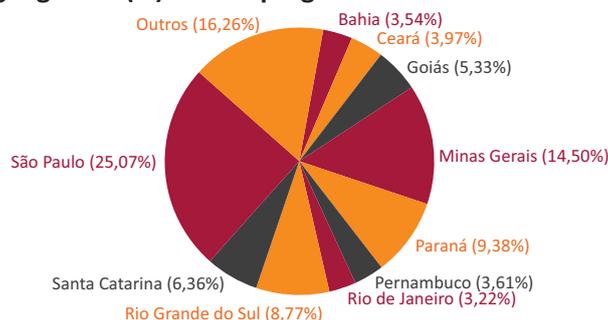
Fonte: RAIS (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos é o Pará, cujo lugar na lista é ocupado pelo Estado de Goiás (11º estado mais populoso).

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que não se observou mudança na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios (Gráfico 4). Entretanto, entre os dez estados com maior número de empregos no setor, percebe-se que em alguns estados (São Paulo, Ceará, Goiás e Paraná) há maior participação relativa na quantidade de vínculos empregatícios, em comparação com o número de estabelecimentos o que sinaliza a predominância de grandes empresas do setor nesses estados. Nos demais estados, percebe-se lógica inversa, com exceção do Rio Grande do Sul, estado onde a participação relativa no número de empresas e empregos é praticamente igual.

**Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira em 2022**



Fonte: RAIS (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

(2) Dados de 2022 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

Conforme citado anteriormente, trata-se de um setor com alta relevância na indústria de transformação nordestina, sendo que a Região concentrava 20,8% dos estabelecimentos e 17,0% do emprego em 2021. O percentual de estabelecimentos maior do que o percentual de empregos, algo que ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, indica que, comparativamente à Região Sudeste, há predominância de empresas de menor porte na indústria de alimentos nestas regiões, incluindo o Nordeste. Apesar dessa característica predominante, existem grandes empresas nordestinas da indústria de alimentos que possuem relevância no mercado nacional.

### 3 Perspectivas

Nos últimos anos, a indústria de alimentos aumentou as vendas em âmbito mundial, mas em níveis relativamente baixos. Em 2022, o setor cresceu 4,0% nas vendas de alimentos embalados no varejo, desempenho que certamente foi limitado pelo impacto da inflação nos produtos alimentícios em nível mundial, cenário que pode ser fator de inibição da melhoria ou até mesmo manutenção do crescimento nesse patamar.

As perspectivas para a indústria de alimentos brasileiras para 2023, do ponto de vista das empresas do setor, são positivas. De acordo com a ABIA (2023), apesar de o cenário atual da economia brasileira

apontar para desaceleração do crescimento do PIB, que converge atualmente para o intervalo de 0,8% a 1% em 2023, das pressões nos custos de produção ainda presentes e das incertezas em relação à economia mundial, as perspectivas para a indústria de alimentos em 2023 permanecem positivas. A produção e as vendas reais devem aumentar entre 1,5% e 2,0%; as vendas no mercado interno têm perspectiva de incremento moderado, com destaque para os serviços de alimentação (*food service*), que continuam em processo de recuperação.

As empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios e, conseqüentemente, deverão direcionar suas estratégias de produção e distribuição ao encontro dessas tendências. Enquanto algumas já vinham se mostrando importantes, outras surgiram a partir da pandemia da Covid-19. As principais tendências dizem respeito à busca por marcas e produtos vinculados à sustentabilidade, à maior conveniência do consumo de alimentos “em casa” e o forte crescimento das compras pelo comércio eletrônico. Além disso, no que diz respeito aos tipos de produtos consumidos, o consumo de veganos (à base de plantas) e de alimentos funcionais (ricos em probióticos, com ingredientes que aumentam a imunidade) vem se consolidando. A pandemia alterou um pouco a visão dos consumidores em relação aos produtos e marcas vinculadas à sustentabilidade, dando-se maior ênfase, nas preferências dos consumidores, ao pilar social da sustentabilidade, incluindo práticas como o apoio a comunidades locais e o comércio justo (*fair trade*).

Por outro lado, o cenário persistente de inflação dos produtos alimentícios em nível global e nacional tem trazidos novos desafios para o setor. Os fabricantes e varejistas de alimentos precisam adaptar suas estratégias de distribuição para se manterem competitivos, pois a inflação atinge o poder de compra dos consumidores, impactando as compras por impulso e de produtos “supérfluos”. Uma fatia importante do mercado consumidor tem buscado descontos para encontrar opções mais baratas. A venda de alimentos via e-commerce continua crescendo no pós-pandemia, pois os consumidores buscam comodidade e formas de controlar seus gastos, por isso os varejistas estão investindo para melhorar os serviços de entrega e desenvolver sua presença *omnichannel*.

O cenário inflacionário atual deve reduzir a busca por alimentos *premium* no curto e no médio prazo, reduzindo o potencial de crescimento desse segmento. Por outro lado, abre-se a perspectiva de aumento das vendas de produtos de marcas próprias (*private label*) das grandes redes de supermercados (por exemplo, Carrefour e Pão de Açúcar, no Brasil), pois são mais competitivos em termos de preço. Considerando-se esse fato e a perda de espaço de produtos do segmento *premium*, uma tendência é de que as grandes redes de varejo adotem estratégias de vários níveis de preço para suas marcas próprias. As marcas próprias *premium* poderão constituir uma parcela pequena, mas essencial, destinada a apoiar a forte imagem das marcas próprias e ajudar as empresas a lidar com um ambiente em mudança. As marcas próprias *premium* poderão então penetrar cada vez mais em nichos de categorias específicas, fornecendo aos varejistas vantagens competitivas. Os consumidores apreciarão a oportunidade de entrar em uma zona de maior valor sem comprometer seu orçamento ou conveniência.

Essas tendências apresentadas, que se aplicam ao mercado global de produtos alimentícios, também devem ser consideradas no mercado brasileiro e nos mercados regionais, inclusive do Nordeste, logicamente considerando-se também as particularidades locais.

No Brasil, iniciativas governamentais, como a publicação do Guia Alimentar e novas regulamentações de rotulagem, provavelmente impactarão negativamente as vendas de várias categorias de alimentos nos próximos anos, como biscoitos doces, carnes processadas e lanches salgados. Em 2020, foi aprovada nova legislação pela ANVISA que prevê mudanças na rotulagem nutricional de alimentos embalados. A nova norma foi publicada no Diário Oficial da União em outubro/2020, com prazo de entrada em vigor após 24 meses, logo, em outubro/2022. Algumas categorias de produtos terão um prazo adicional de adequação, que varia de 12 a 36 meses da entrada em vigor. Como os lanches salgados são ricos em sal e gordura, prevê-se que a nova legislação terá maior impacto nesta categoria do que em outras. Com isso, espera-se uma reação das empresas, principalmente fabricantes de lanches salgados, no sentido de adaptar suas fórmulas para conter teores mais baixos desses ingredientes (EMIS, 2023).

Em linhas gerais, entende-se que a indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que mais necessita de descentralização da produção, tendo em vista a perecibilidade dos insumos utilizados. Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem ser analisadas a partir do conhecimento da demanda local. Logo, vislumbra-se a necessidade de investimentos para a oferta de produtos alimentícios industrializados em estados que são mais isolados geograficamente em relação aos demais e possuem menor oferta desses produtos, tais como o Piauí e o Maranhão. Ademais, investimentos para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, conforme supracitado, bem como às adaptações necessárias ao alinhamento dos produtos e processos às novas normas regulatórias que entraram em vigor em 2022, também são perfeitamente cabíveis.

## 4 Sumário Executivo Setorial

Ambiente político-regulatório	As principais regulamentações voltadas à indústria de alimentos, considerando os segmentos que compõem a presente análise, são de responsabilidade da ANVISA. Em 2020, foi aprovada nova legislação pela ANVISA que prevê mudanças na rotulagem nutricional de alimentos embalados. A nova norma foi publicada no Diário Oficial da União em outubro/2020, com prazo de entrada em vigor após 24 meses, logo, em outubro/2022. Algumas categorias de produtos terão um prazo adicional de adequação, que varia de 12 a 36 meses da entrada em vigor. Como os lanches salgados são ricos em sal e gordura, prevê-se que a nova legislação terá um impacto maior nesta categoria do que em outras. Os aspectos que têm impactado o setor e, de certa forma, estão relacionados com ações políticas, são a inflação, a taxa básica de juros da economia (SELIC), que por sua vez tem relação com a inflação, e o comportamento do câmbio. Uma eventual perda de controle dos gastos públicos a aumento do déficit fiscal, por exemplo, pode ter impacto negativo nesses aspectos.
Meio ambiente – efeito das mudanças climáticas	Como efeito das mudanças climáticas, a discussão em nível global e nacional sobre ESG e sustentabilidade vem se intensificando, com reflexos no comportamento dos consumidores e, conseqüentemente, nas ações das empresas para se adaptarem às novas exigências do mercado. Com a valorização da sustentabilidade e aspectos éticos, cresce a procura por produtos de marcas com propósito. Ademais, a pandemia da Covid-19 trouxe maior valorização, por parte dos consumidores, de produtos que de alguma forma contribuam mais para questões sociais, tais como o apoio a comunidades locais e a prática de comércio justo (fair trade).
Nível de organização do setor existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.	A principal instituição representativa do setor é a ABIA – Associação Brasileira da Indústria de Alimentos, cuja missão é promover o desenvolvimento sustentável da indústria brasileira de alimentos, por meio do diálogo, ciência e inovação, com respeito ao consumidor e em harmonia com a sociedade. Devido à sua forte relação com a agropecuária, o setor se beneficia de pesquisas realizadas pela Embrapa. Da mesma forma, instituições de ensino superior que detêm cursos de engenharia de alimentos contribuem para a formação de mão de obra e realização de pesquisas voltadas ao setor.
Perspectivas para o setor	O mercado mundial de alimentos embalados tem perspectiva de crescimento de 4,3% ao ano (CAGR) das vendas no varejo, no período 2023-2027. No Brasil, a ABIA prevê que a produção e as vendas reais de alimentos devem aumentar entre 1,5% e 2% em 2023.

## Referências

ABIA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. **Indústria de alimentos: faturamento anual ultra-passa R\$ 1 trilhão, com aumento das vendas nos mercados interno e externo.** Disponível em <https://www.abia.org.br/noticias/industria-de-alimentos-faturamento-anual-ultrapassa-r-1-trilhao-com-aumento-das-vendas-nos-mercados-interno-e-externo> Acesso em 22 fev. 2023.

BACEN - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus Relatório de Mercado 6 janeiro 2023.** Disponível em <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus> Acesso em 14 fev. 2023.

CAGED – CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS. Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged> Acesso em 15 fev. 2023.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Indicadores industriais.** Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 15 fev. 2023.

EMIS. **Brazil Food and Beverage Sector 2022/2023.** Disponível em <https://www.emis.com> Acesso em 08 fev. 2023 (Acesso Restrito).

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 10 fev. 2023 (Acesso Restrito).

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa industrial anual - PIA Produto. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7752> Acesso em 01 fev. 2023a.

\_\_\_\_\_ **Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7511> Acesso em 08 fev. 2023b.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Inflação de alimentos: como se comportaram os preços em 2022. **Carta de Conjuntura**, n. 58, nota de conjuntura 5, 2023.

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 14 fev. 2023.

**Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:**

**<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>**

**Conheça outras publicações do ETENE**

**<https://www.bnb.gov.br/etene>**